

*Ao espírito livre de Sandra Mara Corazza*

# Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan  
Fabiano Neu Pinto  
(Orgs.)



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
**ESCRITURAS**  
INSTITUTO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO



**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

## CONSELHO EDITORIAL

Dinamara Garcia Feldens  
(Universidade Federal de Sergipe)

Julio Groppa Aquino  
(Universidade de São Paulo)

Martha Giudice Narvaz  
(Universidade Estadual do Rio Grande do Sul)

Marcelo de Andrade Pereira  
(Universidade Federal de Santa Maria)

Nadja Maria Acioly-Régner  
(Université Lumière Lyon 2/FR)

Sônia Regina Luz Matos  
(Universidade de Caxias do Sul)

Verônica Domingues Almeida  
(Universidade Federal da Bahia)

## REALIZAÇÃO:



© Dos Autores - 2022.

[Projeto gráfico, layout de capa e diagramação]

Fabiano Neu.

[Imagem de capa]

*Sonda Onírica das Escriteiras*, por Fabiano Neu — composição com *La Bonne Aventure*, de René Magritte, e *Fundo Lunar Pictórico*, de Paola Zordan.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

---

**V648**

Vidas sonhadas em educação / Paola Zordan, Fabiano Neu  
Pinto (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede  
de Pesquisa Escriteiras, 2022.

112 p.

ISBN 978-65-5973-114-5

1. Biografia 2. Sandra Mara Corazza 3. Filosofia da diferen-  
ça I. Zordan, Paola II. Pinto, Fabiano Neu III.Título

CDU: 929

---

Biblioteca: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

# Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan  
Fabiano Neu Pinto  
(Orgs.)



Porto Alegre  
2022

# SUMÁRIO

**LITERATURA, POMBAS!** 6

Paola Zordan  
Fabiano Neu Pinto

**PROPOSTA ORIGINAL DO LIVRO** 11

Sandra Mara Corazza

**ARQUIVO, vivo** 14

Angélica Vier Munhoz

**A-TRADUZIR, assentada sobre a nuvem** 18

Jailza dos Santos Martins

**AULA, universos remotos** 22

Cristiano Bedin da Costa  
Marcos da Rocha Oliveira

**CURRÍCULO, vitalício** 30

Marlucy Alves Paraíso

**DIDÁTICA, pacto mefistofélico** 37

Bibiana Munhoz Roos  
Fabiane Olegário

**DOCÊNCIA-PESQUISA, no caderno laranja** 43

Claudia Madruga Cunha  
Karen Elisabete Rosa Nodari

**FILOSOFIA-EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA, heterotópica** 49

Deniz Alcione Nicolay  
Gabriel Sausen Feil

**EIS AICE, inascido** 55

Fabiano Neu Pinto

**ESCRILEITURAS, a informe** 59

Ester Maria Dreher Heuser

Silas Borges Monteiro

**METODOSOFIAS, maquinatórias** 64

Róger Albernaz de Araujo

**POESIA, declamante** 69

Maria Idalina Krause de Campos

Marina dos Reis

**PROFESSONHADORES, os afrontosos docentes observados** 74

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Polyana Olini

**SONHO, viramundo** 80

Adriana Pedrassa Prates

Vaninne Fajardo

**TRADUÇÃO TRANSCRIADORA, máquina do tempo** 86

Máximo Lamela Adó

**ENCANTAMENTO, divinatório** 89

Opala Danzor

**VIDA, inventada** 93

Alberto D'Avila Coelho

Róger Albernaz de Araujo

**JARRA MORTUÁRIA: Vidas imaginárias e imaginadas em Educação** 96


Sandra Mara Corazza (*In Memoriam*)

**AUTORES** 105

# ARQUIVO

*vivo*

Angélica Vier Munhoz

 Numa noite de um mês de inverno, ela nasce. Numa pequena cidade, é o que se sabe. Naqueles dias em que Odin festejava o solstício de inverno. Dizem que quem nasce nesses dias não suporta o fardo do tédio. Desde cedo, percebia-se que era feita de corpo frágil e miúdo, mas encarnada de uma força incendiária. De um mundo a outro, movia-se com agilidade, ora para viajar pelos livros, ora para habitar palavras invulgares, ora ainda para respirar livre e imaginar. Oscilava, pois, entre momentos doces e turvos. Vai e vem. Olha e vocifera. Afasta e achega. Talvez isso já fosse tudo o que se pudesse dizer sobre ela.

No decorrer da primavera, vestia-se com elegância encantadora e gosto refinado. Preferia tecidos sóbrios e leves. De adornos, não gostava. Os gestos eram suaves como o seu rosto. Porém, as atitudes revelavam rara personalidade. Nos dias quentes, bravejava contra seu fastio. Nos dias gélidos, sentia-se exausta de existir. Temperança não era seu atributo; a potência vital advinha da crueldade, essa força que separa a vida de suas formas tipificadas. Por isso, tinha muitas vidas. E também algumas vidas dos outros. Mas detestava as vidas medíocres; tampouco vidas identitárias lhe interessavam.

Numa tarde ensolarada, estava só em casa, com todo o tempo diante de si. Em seguida, já não mais ali estava. Perdida em seus pensamentos, interrogava-se a si mesma sobre o destino do tempo: É justo? É justo? Havia um sinal de mocidade que não a deixava envelhecer, mas gostaria que o tempo retornasse. Diante da impossibilidade, entregara-se a seus desígnios: sentir a vida por todo o tempo que durar e, quando não mais existir, fazer perdurar seus efeitos.

No final do mês de janeiro, dedicava as primeiras horas do dia às escritas. As últimas, à leitura. No meio do dia, acumulava notas diversas e rabiscos nos livros – alguns, abstratos; outros, elípticos ou até mesmo acompanhados de abreviaturas. Eis que os pensamentos apareciam sem avisar e voavam como flechas disparadas de um ponto a outro. Quando se encantava com um livro, deixava-se ficar abandonada até o amanhecer do dia.

Ao final de uma manhã chuvosa, retornava mais um dia da escola, da qual já sentira certa exaustão. A garganta estava cerrada, os olhos, secos. As mãos delicadas transpiravam o pó do giz. As aulas haviam seguido uma após a outra. E tinha para si que a coisa mais importante é aquela que mais se repete. Então, despedia-se mais uma vez daqueles corpos que seguiriam nas sombras. Embora já houvesse abandonado todos os romantismos e exageros afetivos, sabia que seus gestos lhes deixariam a marca de uma vida. De resto, seguia obstinada às repetições.

No último dia de maio, desperta com o rosto em chamas. Olha-se no espelho e, por algum tempo, sente a duração infinita de uma dor. Respira fundo para que o excesso de espírito não a sufoque. Em vão, coça o rosto com as unhas bem-feitas e, com mornas compressas de camomila, umedece a face. Percebe, então, que o abismo entre dois sentimentos a atormenta; diante da face rúbia, torna-se ora detestável, ora alheia a si mesma. Mas o rosado da carne exala sua existência tenaz.

No mês de março, ela está ali, de novo. As salas, sempre cheias. Todos a observam. Senta-se com uma postura própria, ergue os

olhos e, naquela grande sala quieta, inicia a contar o texto. Respi-  
ções lentas fazem-na, por ora, oscilar. Mas a voz é firme e destaca-se  
no silêncio. As mãos, entrelaçadas, apertam-se e soltam-se. Então,  
com uma destreza instigante, invoca uma potência urgente do tempo.  
Talvez porque saiba que haverá aqueles que, o que quer que busquem,  
permanecerão fiéis e incansavelmente se encontrarão entre o vir e ir.

Chegada a noite escura, já não dormia e não sonhava. E, durante  
suas prolongadas insônias, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bachelard,  
tampouco dormiam. Ainda que conseguisse dormir, acordar não fazia  
parte de seus devaneios. Indagava: quantos despertares poderiam ser  
apenas sonhos? Na verdade, gostava pouco dos sonhos sonhados em  
hora escura, preferia aqueles do pleno dia. Afinal, os dias também po-  
diam ser noite, e neles cultivava as vigílias. Ora, seu gosto era mesmo  
pelos sonhos operantes, aqueles que, como um abismo, se deslocam  
sobre a terra, em plena luz.

No passar dos dias, demonstrava uma curiosidade inusitada: que  
*sais-je?*, indagava. E aliava-se ao universo para experimentar algo  
sempre novo. Então, seguia pistas para encontrar mistérios ainda  
não apresentados. Quando os encontrava, dissecava-os em pequenas  
frações. Algumas inquições também faziam parte de suas táticas.  
Talvez porque soubesse que, por mais duramente que tentasse alcan-  
çar o horizonte mais distante, sempre fracassaria. Gostava, ainda, de  
coleccionar histórias. Não as óbvias — estas, execrava —, mas aquelas  
para as quais podia dar uma nova vida.

Ao entardecer, cultivava certa *vie de bohème*. Entre goles e risos,  
seu fogo brando penetrava humores heterogêneos. Sabia que o tempo  
verdadeiro era o da sensação, não o da cronologia. Ao longo da mesa,  
que se estendia, bebia-se de modo evanescente. Sua alegria vibrava,  
dançava, e todas as simetrias mudavam. Nessas horas, recusava o des-  
canso. A memória, o organismo frágil, os terrores dos brutos, eram  
também, por ora, esquecidos. Então, lá estava ela.

Em um dia caloroso de verão, ela não mais estava. Da última vez que a vi, ela residia num breve aceno.